

Virtù no pensamento político de Maquiavel

Virtù in Machiavelli's political thinking

Avaetê de Lunetta e Rodrigues Guerra

Mestre em Filosofia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

avaete.guerra@gmail.com

Narbal de Marsillac Fontes

Doutor em Filosofia pela Universidade Gama Filho (UGF)

nfmarsillac@gmail.com

RESUMO: Trata-se, neste trabalho, de analisar as ideias e contribuições de Maquiavel para a Itália do século XVI. Maquiavel foi capaz de extrair lições obtidas em eventos progressos, que farão toda a diferença na formulação de sua teoria política. A pesquisa explora o conceito de *virtù*, utilizado pelo autor em seus escritos e frequentemente abordado por filósofos e pesquisadores de diversas épocas, fazendo uma análise das obras *Discorsi* e *O Príncipe* enquanto obra de aconselhamento a novos governantes, explorando algumas consequências destas abordagens, onde foi possível concluir que de acordo com Maquiavel é preciso refletir sobre como agir, utilizando a *Virtù* para obter bons resultados aplicando-os na política.

Palavras-chave: Maquiavel. *Virtù*. Política. Ética.

ABSTRACT: *The purpose of this work is to analyze Machiavelli's ideas and contributions to sixteenth-century Italy. Machiavelli was able to extract lessons obtained from past events, which will make all the difference in the formulation of his political theory. The research explores the concept of Virtù, used by the author in his writings and frequently addressed by philosophers and researchers from different eras, analyzing the works Discorsi and The Prince as a work of advice to new rulers, exploring some consequences of these approaches, where it was possible to conclude that according to Machiavelli it is necessary to reflect on how to act, using Virtù to obtain good results by applying them in politics.*

Keywords: Machiavelli. *Virtù*. Policy. Ethic.

INTRODUÇÃO

Nicolau Maquiavel (1469-1527) foi, sem dúvidas, um dos maiores pensadores políticos da sua época, tendo produzido grandes obras, sendo as mais importantes *O Príncipe* (1513-1532) e os *Discorsi – Discursos sobre a Primeira Década de Tito Lívio* (1513-1521). Tais obras possuem uma unidade temática, também de pensamento, apesar de terem alvos diferentes. Maquiavel testemunhou fatos políticos muito específicos da história de sua cidade, Florença, onde havia um grande desejo por parte da população que almejava mudanças, inspirando-o nos seus escritos e pensamentos, gerando, assim, um forte sentimento de esperança em uma unidade política.

As questões políticas maquiavelianas causam questionamentos substanciais para esta pesquisa: como a situação política de Florença contribuiu para o desenvolvimento das teorias filosóficas e políticas de Maquiavel? Como o príncipe deve agir para tornar o Estado próspero? Qual o papel da *virtù* no governo do principado? Quais as consequências quando não se age da maneira correta e de modo sábio dentro do governo? Tais interrogações evidenciam o objetivo do presente estudo, analisando as obras *O Príncipe* e *Discorsi* em uma perspectiva geral, explorando as teorias do sábio filósofo florentino Nicolau Maquiavel. A pesquisa terá um caráter bibliográfico¹, auxiliando na compreensão dos problemas a partir de referências publicadas em alguns trabalhos, com o objetivo de esclarecer acerca da contribuição trazida pelo filósofo, exibindo um marco cronológico e espacial para entender o processo da ação política maquiaveliana.

A pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos e páginas de *web sites*. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem porém pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta (FONSECA, 2002, p. 32).

O filósofo escreveu grande parte de sua obra após um longo tempo de serviço prestado ao governo de Florença, contribuindo de forma significativa para a construção de sua filosofia política. Maquiavel analisava as situações políticas a partir do modo como ocorriam, diferenciando-se de seus antecessores, que tratavam a política a partir de uma ideologia de Estado e governante. O pensamento de Nicolau Maquiavel é indissociável da realidade histórica da Itália e de Florença, onde ele constrói seus fundamentos, constantemente motivado pelos acontecimentos do seu tempo.

¹ Para Gil (2007, p. 44), os exemplos mais característicos desse tipo de pesquisa são sobre investigações sobre ideologias ou aquelas que se propõem à análise das diversas posições acerca de um problema.

Será apresentado o conceito e o desenvolvimento dos tópicos sobre a *Virtù*, tema fundamental para qualquer leitor que pretenda pesquisar sobre o poder constituinte na produção de Maquiavel. Desta forma, analisar-se-ão as características da *virtù*, explorando essa temática que sempre fez parte dos discursos maquiavelistas, com uma perspectiva voltada para sua teoria política.

a) explorar o conceito de *virtù* em Maquiavel, trazendo sua definição e relacionando-a com fortuna, principado e discursos, definindo, de acordo com as teorias maquiavelianas, formas de o príncipe controlar as ocasiões e acontecimentos do seu governo, lidando com estratégias efetivas, capazes de superar as tribulações impostas pela imprevisibilidade política;

No decorrer da pesquisa, serão utilizadas, como base para o presente trabalho, obras do próprio Maquiavel e escritos que auxiliarão na pesquisa, no intuito de analisar os princípios maquiavelianos relacionados à ética, à política e ao conflito civil presentes em sua trajetória.

Virtù em Maquiavel

Para realizar uma pesquisa sobre Nicolau Maquiavel, é necessário fazer um estudo sobre o termo “*virtù*”, sempre presente nas obras do Florentino, utilizada pelo autor nos seus escritos e constantemente abordada por filósofos e pesquisadores. Portanto, é preciso analisar a especificidade da obra maquiaveliana quanto ao sentido e contexto empregado no uso da palavra *virtù*, abordando seus diversos significados e variedades apresentadas, já que não apenas Maquiavel fazia uso do termo, mas também seus contemporâneos faziam referência à palavra em mais de uma acepção.

Assim, da mesma maneira que existem palavras com mais de um significado, o termo *virtù* também sofreu diversas interpretações, caindo em questões conceituais das diversas línguas, gerando, muitas vezes, certa dificuldade interpretativa da palavra, que, de acordo com De Souza (2003),

[...] na compreensão de alguns intérpretes, como por exemplo Mansfield, “não é suficiente dizer que Maquiavel usa a palavra [*virtù*] em vários sentidos; ele faz uso dela em sentidos contraditórios como se a '*virtù*' incluísse e excluísse ações. Assim, grande parte dessas dificuldades que temos hoje em traduzir ou definir especificadamente o termo '*virtù*' se deve ao fato de que o próprio Maquiavel não teve essa preocupação, pelo menos, não da mesma forma que a temos hoje. Essa distinção de padrões conceituais acaba por acentuar ainda mais as dificuldades de compreensão do termo em questão (DE SOUZA, 2003, p. 58).

Portanto, quando procuramos utilizar a palavra *virtù* na nossa realidade e contexto, observamos sob uma perspectiva presente, tornando sua interpretação, em alguns momentos, obscura. Porém, o objetivo da pesquisa é entender o que Nicolau Maquiavel procurava expressar com o uso da expressão, trazendo seus conceitos e definições próprios da época e da sua realidade política vivenciada em Florença, separando os significados vinculados no período pós-Maquiavel, para compreendermos de modo claro o sentido do termo *virtù*.

Na obra *O Príncipe*, em algumas passagens, a palavra *virtù* aparece sem um conceito estabelecido e definido de forma clara. No entanto, esses múltiplos sentidos não se originaram com Maquiavel, pois a *virtù* já era muito utilizada por intelectuais no Renascimento italiano, bem como por escritores da França e Inglaterra nos séculos XV e XVI. Existem diversos tipos de *virtù*: moral, política, militar, entre outras, mas os assuntos políticos e militares são os mais trabalhados pelo filósofo. De acordo com De Souza (2003), determinar a superioridade da *virtù* política e militar comparada às demais pode gerar algumas consequências:

A primeira delas é que ao dizer que Maquiavel privilegia assuntos políticos e militares diz-se, em decorrência disto, que há um enfoque maior dessas “faces” da ‘*virtù*’, ou ainda, que as faces da ‘*virtù*’ que são enfocadas mais diretamente são as que dizem respeito a tais assuntos. Essa superioridade, no entanto, não suprime a existência das outras faces desse conceito. Ela expressa apenas uma relevância maior das faces política e militar da ‘*virtù*’ na obra maquiaveliana. São as faces mais discutidas e analisadas da ‘*virtù*’, além disso, são também frequentemente opostas ou até mesmo relacionadas à ‘fortuna’ no decorrer dos textos maquiavelianos. Disso, segundo Price, vem uma outra consequência; muitos não compreendem bem “o significado” da ‘*virtù*’: tomam seu significado mais comum ignorando os demais significados do termo. O estudo de Price é bastante relevante e descreve não somente os significados do termo ‘*virtù*’, mas também, a interpretação que vários autores fazem do mesmo (DE SOUZA, 2003, p. 62).

O presente tópico tem por objetivo investigar o conceito de *virtù*, levando em consideração sua face política e militar como define Maquiavel (1532) em *O Príncipe*: “deve, pois, um príncipe não ter outro objetivo nem outro pensamento, nem tomar qualquer outra coisa por fazer, senão a guerra e a sua organização e disciplina, pois que é essa a única arte que compete a quem comanda”. Para Maquiavel, o príncipe deve mesclar suas atitudes, sendo bom em determinadas situações e mau em outras, inicialmente praticando a *virtù* para conquistar o poder, para, posteriormente, mantê-lo.

A definição de *virtù*

Virtù e Fortuna são as duas forças que caminham juntas no campo da ação política, de acordo com Maquiavel. A palavra *virtù* assumiu vários significados: para Dante, significava autoridade imperial absoluta assistida pela “graça” divina; para Boccaccia, correspondia a gentileza e honestidade; para Leon Battista Alberti, significava bondade e prudência. Já no *Príncipe*, coincide com a capacidade dinâmica e operacional de suportar o contraste de seu antagonista e também com a força dos tempos. Portanto, esta palavra está na perspectiva de sua capacidade e vontade política, nas suas qualidades, visto que também ele faz parte de uma sociedade. Maquiavel compara o exercício da *virtù* a uma forma de hierarquia entre os homens:

Entre todos os homens louvados, os mais louvados foram os cabeças e ordenadores de religiões. Logo depois destes, os que fundaram repúblicas ou reinos. Depois destes, são célebres os que, comandando exércitos, ampliaram seu próprio domínio ou da pátria. A estes se somam os homens de letras. E como estes são de vários tipos, são eles celebrados segundo o mérito de cada uma. A qualquer outro homem, cujo número é infinito, atribui-se a parte de louvores que lhe é dada pela sua arte e sua atividade. São, ao contrário, infames e detestáveis os homens que destroem religiões, dissipam reinos e repúblicas, inimigos das *virtù*, das letras e de qualquer outra arte que confira utilidade e honra à espécie humana; tais são os ímpios, os violentos, os ignorantes, os incapazes e os covardes. (MAQUIAVEL, 1928, p. 44).

Assim, no pensamento de Maquiavel, duas forças gigantescas enfrentam-se, a fortuna inconstante e a *virtù* humana, que é capaz de se opor a ela e impedi-la de causar danos, dobrá-la para seus próprios fins. A “*virtù*” de que fala Maquiavel é, portanto, bastante complexa: em primeiro lugar, o conhecimento perfeito das leis gerais da ação política, extraídas, como sabemos, tanto da experiência direta quanto da “lição” da história passada. Em segundo lugar, a capacidade de aplicar essas leis a casos concretos e particulares, prevendo com base nelas o comportamento dos adversários e a evolução das situações, a alteração do equilíbrio de poder, o impacto dos interesses dos indivíduos; enfim, a decisão, a energia, a coragem de colocar em prática o que foi planejado.

De acordo com o contexto político de Maquiavel, o termo *virtù* entra em cena não apenas para descrever o sentido ético tradicional, mas para significar as habilidades, modos e moral necessários para desempenhar o papel de um líder de sucesso. Para descobrir o que Maquiavel quer dizer com o termo *virtù*, temos que dar uma olhada mais profunda em *O Príncipe* para perceber quando ele usou a palavra para ilustrar algumas ações, pois existem, na visão de Maquiavel, pelo menos dois conceitos diferentes de *virtù*: um para cidadãos particulares, outro para príncipes. A opinião de Maquiavel sobre

a *virtù* dos príncipes é totalmente consistente com as instruções determinadas em sua obra.

No geral, *Virtù* está entre os conceitos que não têm expressão equivalente em algumas línguas. Basicamente, Maquiavel usou o termo *virtù* várias vezes em seu livro para se referir às qualidades necessárias para ser um líder poderoso. No entanto, outros conceitos de *virtù* também existem. Por exemplo, a virtude cristã é composta de uma variedade de qualificações, como modéstia e esmolas, que quase todas as religiões encorajam as pessoas a tê-las. Segundo eles, são atitudes que toda pessoa pode ter. O conceito cristão de virtude, em outras palavras, não tem necessidade com a vida pública ou política; preocupa-se principalmente com a vida privada e apenas tangencialmente, se é que o faz, com a esfera pública.

Em última análise, a *virtù* de Maquiavel é, de alguma forma, separada de outros conceitos de virtude. Se olharmos mais profundamente, *virtù* é a tradução da palavra grega *Aretè*². Para entender melhor, a tradução mais fácil seria “excelência específica relacionada à função”. *Aretè* significa a principal característica de qualquer pessoa ou coisa. Por exemplo, o *Aretè* de um professor seria um alto nível de habilidade no ensino, ou o *Aretè* de um cão poderia ser lealdade.

Aretè: excelência ou bondade de qualquer tipo. É um substantivo abstrato conectado com *aristos*, excelente; o substantivo abstrato equivalente *agathotes* de *agathos* é tardio e raro; *areté* é comumente traduzido por virtude, uma transliteração do latim *virtus*, mas nem *areté* nem *virtus* significa virtude, exceto em expressões arcaizantes como “as virtudes do motor de combustão interna”, onde “excelências” seriam equivalentes. O oposto de *arete* é *kakia*. (URMSON, 1990, p. 30-31).

O conceito pessoal de *virtù* em Maquiavel é diferente de outras formas de *virtù*, embora se possa observar que a palavra *Aretè* tem o significado mais próximo do seu conceito de *virtù*. Em outras palavras, a *virtù* no *Príncipe* é a edição política da *Aretè* para Maquiavel. Ele escreveu 53 nomes de indivíduos para descrever exatamente reis virtuosos. Alguns deles especificamente referidos como virtuosos são Aemilius³,

² Significa “excelência” e “virtude”. Mas há algo mais quanto ao termo *areté* que não pode ser expresso em palavras. Há algo de Divino nisso. Talvez a única maneira verdadeira de entender *areté* seja considerar dois ou mais exemplos de excelência e contemplar o que eles compartilham. Para Platão, *areté* está principalmente associada à excelência *moral*. É subordinado a virtudes morais específicas de Coragem, Temperança, Justiça, etc.; algo que todos compartilham, uma qualidade especial sem nome, sua essência está claramente relacionado à Bondade, mas não é a mesma coisa. Para Aristóteles, algo é excelente quando manifesta seu propósito único ou *telos*. A qualidade única e definidora dos seres humanos, para Aristóteles, o que os torna distintos de outras criaturas é a capacidade de pensamento racional. A excelência humana, então, envolve o uso correto da razão, principalmente em conexão com a escolha moral.

³ Aemiliusera, filho do cônsul Aemilius Paulus, que morreu em Canas. Ele era um general competente que ganhou vitórias na Itália contra os Ligurians, mas tornou-se realmente distinto em 168 B. C. que liderou

Paullus⁴, Aeneus⁵ e Agesilaus. Quando olhamos os nomes e a maneira como ele fala sobre eles, é bastante óbvio que seus heróis são, em sua maioria, do mundo antigo antes do grande Império Romano. Nenhum homem é absolutamente virtuoso, ou sem *virtù*, e em algum lugar entre os dois extremos existe uma gama de vários graus de *virtù*. O fato de A ser mais virtuoso do que B, mas menos do que C, não significa necessariamente que B, mais do que A, não tem virtude. No geral, Maquiavel usou a palavra *virtù* para explicar perfeitamente as qualidades de um líder adequado.

Maquiavel é conhecido por acreditar que a vida privada não deve afetar o comportamento político, por isso seu nome passou a ser particularmente identificado com o divórcio político da moralidade privada, com a doutrina da conveniência na ação política e com o modo de justificar todos os meios políticos, fundamento da razão de Estado, pois faz menos com sua singularidade do que com a maneira dinâmica como ele expressou essas ideias. Ele acredita que um governante deve escolher sua prioridade com base nos direitos do estado. Dependendo da situação, um príncipe pode tomar até mesmo uma decisão cruel, pois a necessidade não tem lei. É um velho assunto argumentativo entre políticos e filósofos que os líderes deveriam fechar os olhos para seus próprios interesses, muitas vezes por causa da sobrevivência política.

Maquiavel argumenta de forma pessimista sobre a natureza de ser um governante e as virtudes necessárias para salvar o reino. Ele descreve os homens como egocêntricos, desfavoráveis e fracos em relação às aparências. Naturalmente, ele acredita que as pessoas tendem a ser más em vez de boas e que é melhor ser temido do que ser amado. Segundo sua crença, em diferentes situações, o príncipe deve estar preparado para fazer qualquer coisa para salvar sua posição, como mentir, enganar alguém, tomar decisões cruéis ou quebrar tratados.

Mas qual é a razão de um príncipe ser sempre assim? Talvez Maquiavel considere que ser um líder, rei ou príncipe é um título gigantesco. Ao longo da história, apenas algumas pessoas se tornaram líderes. Consequentemente, para salvar este título e todo o Estado, os líderes devem mantê-lo. No entanto, as coisas ficam mais claras quando

os romanos contra Perseus, o rei da Macedônia em Pydna em 168 B. C. Aemilius é mais conhecido por seu espetacular triunfo, um dos maiores que Roma já viu. Ironicamente, no entanto, dois dos jovens filhos do conquistador morreram um mês após seu grande triunfo. Aemilius era amigo do historiador greco-romano Políbio.

⁴ Herói da Eneida de Virgílio. Príncipe de Tróia, que escapou da cidade em chamas e depois de uma longa viagem, estabeleceu-se na Itália e se tornou o ancestral de Rômulo.

⁵ Foi um líder de sucesso nas guerras, muito alerta e rápido, porém, cauteloso – um homem, cuja bravura pessoal era inquestionável. Como estadista, ele conquistou adeptos entusiásticos e inimigos ferrenhos, mas seu patriotismo não pode ser questionado. Ele vivia no estilo mais frugal, tanto em casa quanto no campo, e, embora suas campanhas fossem empreendidas em grande parte para garantir o saque, ele se contentava em enriquecer o Estado e seus amigos e retornar tão pobre quanto havia se estabelecido. O pior traço de seu caráter é seu ódio implacável por Tebas, que o levou diretamente à batalha de Leuctra e Esparta.

percebemos que as ofensas cometidas por um líder não são a “necessidade natural e comum”.

Isso depende de uma outra necessidade natural e ordinária, a qual faz com que o novo príncipe sempre precise ofender os novos súditos com seus soldados e com outras infinitas injúrias que se lançam sobre a recente conquista; dessa forma, tens como inimigos todos aqueles que ofendeste com a ocupação daquele principado e não podes manter como amigos os que te puseram ali, por não poderes satisfazê-los pela forma por que tinham imaginado, nem aplicar-lhes corretivos violentos uma vez que estás a eles obrigado; (MAQUIAVEL, 1513, p.5).

Maquiavel, então, explicou que a necessidade natural e comum deveria ser algo como autodefesa. Um líder quase sempre está ciente dos inimigos. Ele deve estar sempre um passo à frente se quiser proteger sua posição. É, de algum modo, razoável comportar-se de forma semelhante ao príncipe de Maquiavel como um líder, quando a história nos mostra que, na maior parte da corte, ocorreu corrupção política.

Os atributos que um líder precisa ter em diferentes contextos denotam a verdadeira *virtù* para Nicolau Maquiavel. Em sua crença, essas características, às vezes, fazem os líderes agirem por necessidade do Estado. Seja uma ação cruel ou gentil. No entanto, na maioria das vezes, Maquiavel diz que é melhor ser temido do que ser amado quando os líderes não podem ter as duas características.

‘*Virtù* x Fortuna’

A palavra fortuna assumiu diferentes significados: para Dante, a fortuna era personificada em uma deusa inconstante e cega, que distribuía bens mundanos aleatoriamente entre os homens, ela era ministra da vontade de Deus que administra de acordo com desígnios inescrutáveis, acima das capacidades interpretativas do mundo. Para Boccaccio, corresponde ao evento imprevisível capaz de destruir o projeto humano. Para Leon Battista Alberti, é representado como um rio turbulento onde o destino e a sorte são representados com a violência das ondas que se opõem a certas virtudes, como a inteligência das artes profissionais e a sabedoria.

Enquanto a palavra italiana *virtù* normalmente seria traduzida como “virtude” e normalmente transmitiria a conotação convencional de bondade moral, Maquiavel obviamente define como sendo algo muito diferente quando se refere à *virtù* do príncipe. Em particular, Maquiavel emprega o conceito de *virtù* para se referir à gama de qualidades pessoais que o príncipe achará necessário adquirir, a fim de “manter seu estado” e “alcançar grandes coisas”, os dois marcadores padrão de poder para ele. Isso

torna brutalmente claro que não pode haver equivalência entre as virtudes convencionais e a *virtù* maquiavélica. O sentido de Maquiavel do que é ser uma pessoa com *virtù* pode, portanto, ser resumido em sua recomendação de que o príncipe, acima de tudo, deve possuir uma “disposição flexível”. Esse governante é mais adequado para o cargo, na conta de Maquiavel, que é capaz de variar sua conduta de boa para má e vice-versa, conforme a fortuna e as circunstâncias ditarem.

Não por acaso, Maquiavel também usa o termo *virtù* em seu livro *A Arte da Guerra*⁶, para descrever a destreza estratégica do general que se adapta às diferentes condições do campo de batalha, conforme a situação exige. Maquiavel vê a política como uma espécie de campo de batalha em uma escala diferente. Portanto, o príncipe, assim como o general, precisa estar de posse do *virtù*, ou seja, saber quais estratégias e técnicas são adequadas a quais circunstâncias particulares (Wood 1967). Assim, *virtù* acaba sendo intimamente ligado à noção de poder de Maquiavel. O governante de *virtù* deve ser competente na aplicação de poder; possuir *virtù* é, de fato, ter dominado todas as regras relacionadas com a aplicação efetiva do poder. *Virtù* é para a política de poder, enquanto a virtude convencional é para aqueles pensadores que supõem que a bondade moral é suficiente para ser um governante legítimo: é a pedra de toque do sucesso político.

Qual é o vínculo conceitual entre *virtù* e o exercício efetivo do poder para Maquiavel? A resposta está em outro conceito central maquiavélico: Fortuna (geralmente traduzido como “fortuna”). Fortuna é o inimigo da ordem política, a ameaça final à segurança e à proteção do Estado. O uso do conceito por Maquiavel tem sido amplamente debatido sem uma resolução muito satisfatória. Basta dizer que, a exemplo da *virtù*, Fortuna é empregado por ele de uma forma distinta. Enquanto representações convencionais tratavam Fortuna como uma deusa principalmente benigna, embora inconstante, que é a fonte dos bens humanos e dos males, a fortuna de Maquiavel é uma fonte malévola e intransigente de miséria, aflição e desastre humanos.

A discussão mais famosa de Maquiavel sobre a Fortuna ocorre no capítulo 25 de *O Príncipe*, no qual ele propõe duas analogias para compreender a situação humana em face dos acontecimentos. Inicialmente, ele compara a fortuna da seguinte maneira:

⁶ Escrito entre 1519 e 1520, o livro destaca que os italianos modernos tornaram-se tão degenerados e corruptos em seus caminhos, que sua falta de conhecimento dos assuntos militares e a falta de disciplina militar levaram à ruína da nação. A Itália tornou-se um campo de batalha de “bárbaros” estrangeiros, ou seja, alemães, franceses e espanhóis. Maquiavel defende a adaptação criativa de práticas militares antigas, mas aponta como isso seria difícil de realizar. Publicada há cerca de 500 anos, esta obra já conquistou leitores prestigiosos, como Napoleão Bonaparte e Frederico II, o Grande, sendo considerado indispensável para todo e qualquer príncipe.

Comparo-a a um desses rios torrenciais que, quando se encolerizam, alagam as planícies, destróem as árvores e os edifícios, carregam terra de um lugar para outro; todos fogem diante dele, tudo cede ao seu ímpeto, sem poder opor-se em qualquer parte. (MAQUIAVEL, 2004, p. 96).

Porém, o furor de um rio caudaloso não significa que suas depredações estejam além do controle humano: antes que as chuvas cheguem, é possível tomar precauções para desviar as piores consequências dos elementos naturais. “Acontece o mesmo com a Fortuna”, observa Maquiavel: “Ela mostra seu poder onde *virtù* e sabedoria não se preparam para resistir a ela, e direciona sua fúria onde ela sabe que nenhum dique ou barragem está pronto para segurá-la” (Maquiavel, 2004, p. 96).

Os seres humanos podem resistir à fortuna, mas apenas nas circunstâncias em que a “*virtù* e a sabedoria” já se prepararam para a sua chegada inevitável. Maquiavel reforça a associação da Fortuna com a força cega da natureza, explicando que o sucesso político depende da apreciação dos princípios operacionais dela.

Em outras palavras, Fortuna exige uma resposta violenta daqueles que a controlam. “Ela se deixa dominar com mais frequência pelos homens que usam esses métodos do que por quem age com frieza”, continua Maquiavel, “pois sempre, como mulher, é amiga dos jovens, porque são menos cautelosos, mais espirituosos e com mais ousadia, domine-a” (MAQUIAVEL, 2004, p. 99). O comportamento desenfreado da fortuna exige uma resposta agressiva, mesmo violenta, para que ela não se aproveite daqueles homens que são muito retraídos para dominá-la.

As observações de Maquiavel apontam para várias conclusões importantes sobre Fortuna e seu lugar em seu universo intelectual. Ao longo de sua obra, a Fortuna é retratada como uma fonte primária de violência (especialmente quando dirigida contra a humanidade) e como antitética à razão. Assim, Maquiavel percebe que só a preparação para representar uma resposta extrema às vicissitudes da Fortuna garantirá a vitória contra ela. Isso é o que *virtù* oferece: a capacidade de responder à fortuna a qualquer momento e da maneira que for necessária.

O contexto histórico que inspirou os escritos de Maquiavel sobre *O Príncipe* foi o da crise pela qual a Itália estava passando de fato. A obra apresenta-se como uma alternativa para a situação de forte convulsão política no país. No capítulo XXV de *O Príncipe*, intitulado de *Quanto pode a fortuna nas coisas humanas e de que modo se lhe deva resistir*, analisa-se definitivamente a complexa e problemática relação entre *virtù* e fortuna, que caracteriza a obra. Inicialmente, o autor mantém uma posição equilibrada em relação a essas duas forças, reconhecendo-as como igualmente responsáveis pelos resultados dos negócios humanos:

Contudo, para que o nosso livre arbítrio não seja extinto, julgo poder ser verdade que a sorte seja o árbitro da metade das nossas ações, mas que ainda nos deixe governar a outra metade, ou quase. Comparo-a a um desses rios torrenciais que, quando se encolerizam, alagam as planícies, destroem as árvores e os edifícios, carregam terra de um lugar para outro; todos fogem diante dele, tudo cede ao seu ímpeto, sem poder opor-se em qualquer parte. E, se bem assim ocorra, isso não impedia que os homens, quando a época era de calma, tomassem providências com anteparos e diques, de modo que, crescendo depois, ou as águas corressem por um canal, ou o seu ímpeto não fosse tão desenfreado nem tão danoso. (MAQUIAVEL, 1513 [2004], p. 96).

Maquiavel retrata a situação na Itália, definida como “uma campanha sem aterros e sem qualquer abrigo”, na qual a fortuna se enfurece soberana. O autor prossegue com a sua análise, admitindo que, também no que diz respeito ao “Príncipe”, a única combinação que pode conduzir ao seu sucesso é a baseada na sua natureza e nas necessidades que os tempos exigem: se o caráter do governante é de acordo com as demandas do tempo, ele terá sucesso; pelo contrário, vai arruinar:

Mas, restringindo-me mais ao particular, digo por que se vê um príncipe hoje em franco e feliz progresso e amanhã em ruína, sem que tenha mudado sua natureza ou as suas qualidades; isso resulta, segundo creio, primeiro das razões que foram longamente expostas mais atrás, isto é, que o príncipe que se apoia totalmente na sorte arruina-se segundo as variações desta. Creio, ainda, seja feliz aquele que acomode o seu modo de proceder com a natureza dos tempos, da mesma forma que penso seja infeliz aquele que, com o seu proceder, entre em choque com o momento que atravessa. (MAQUIAVEL, 2010, p. 97).

A fortuna domina, assim, a *virtù*, e Maquiavel, perante esta situação, conclui, afirmando a importância da vontade e da ousadia na ação, as únicas que podem talvez domar a fortuna:

Concluo, pois, que variando a sorte e permanecendo os homens obstinados nos seus modos de agir, serão felizes enquanto aquela e estes sejam concordes e infelizes quando surgir a discordância. Considero seja melhor ser impetuoso do que dotado de cautela, porque a fortuna é mulher e conseqüentemente se torna necessário, querendo dominá-la, bater-lhe e contrariá-la; e ela mais se deixa vencer por estes do que por aqueles que procedem friamente. A sorte, porém, como mulher, sempre é amiga dos jovens, porque são menos cautelosos, mais afoitos e com maior audácia a dominam. (MAQUIAVEL, 1513, p. 99).

Mais uma vez, Maquiavel compara fortuna à mulher, afirmando que a sorte seria conquistada utilizando determinados meios, exemplificando como as mulheres seriam tratadas.

A *Virtù* e o assassinato na política

A grande repercussão das obras de Maquiavel deve-se a uma multiplicidade de elementos. Ainda hoje, a obra do filósofo causa sensação em quem a lê, gerando importantes debates filosóficos entre seus leitores. Maquiavel é abordado de forma redutiva e inadequada ao conceito de “maquiavélico”, sem compreender as raízes de conceitos internos ao seu pensamento e que, certamente, causam sensação no leitor a princípio. A intenção deste tópico é discutir e refletir sobre um dos conceitos mais extremos que emerge nos textos de Maquiavel: o assassinato, ou melhor, o assassinato político, que entra na gama de ações “maquiavélicas”, polemizando ainda mais sua teoria.

Inicialmente concentraremos as ideias em *O Príncipe*, levando em consideração também o *Discorsi (Discursos sobre a Primeira Década de Tito Lívio)*. Por fim, será feita referência à breve descrição da maneira adotada pelo Duque Valentino⁷ para matar Vitellozzo Vitelli, Oliverotto da Fermo, Signor Pagolo e o Duque de Gravina Orsini, texto referente a uma parte do capítulo VII de *O Príncipe* e que é fundamental para entender como Maquiavel aborda a questão do assassinato político, como ele o julga e dentro de quais coordenadas o julgamento está situado. Na verdade, não se trata apenas de observar como Maquiavel põe a preto e branco tal ato, é uma questão de entender como e por que o faz. E, finalmente, para entender se e em que medida esse ato é tão deplorável, em virtude da perspectiva a partir da qual é julgado.

Para ter sucesso em tudo isso, é absolutamente necessário abordar o conceito em questão com cautela. Isso significa que, para entender em que contexto ela está localizada e de que forma é tratada, devemos primeiro olhar para a teoria política como um todo e, então, nos deter em alguns elementos da prática política. Com que valores é necessário julgar um ato tão violento e extremo como o assassinato político? Quem deve recorrer a uma ação como essa? E por quais motivos? Para responder a essas perguntas, deve-se abordar o discurso do florentino com atenção. Tratar os conceitos com cautela significa, antes de mais nada, compreender o problema filosófico que os textos políticos do autor pretendem abordar. A solução deste problema é, portanto, também um dos objetivos que queremos alcançar. O problema filosófico em questão anda de mãos dadas com outro paradigma, a saber, o papel que a própria filosofia política desempenha como uma força argumentativa para Maquiavel. Finalmente, devemos nos concentrar novamente no conceito de *virtù*. Uma palavra-chave na obra de Maquiavel, tão central quanto problemática.

⁷ Cesare Borgia, o duque de Valentinois, italiano (Duca Valentino), 1475-1507, nascido em Viana, Espanha, filho natural do Papa Alexander VI. Ele foi um capitão da Renascença, que, como titular dos cargos de duque da Romagna e capitão-geral dos exércitos da igreja, reforçou o poder político do papado de seu pai e tentou estabelecer seu próprio principado na Itália central. Suas políticas levaram Maquiavel a citá-lo como um exemplo do novo “Príncipe”.

Compreender a *virtù* também é fundamental para que os valores que Maquiavel atribui à política sejam expressos – em suma, o que ele fez e que tanto causa sensação nos textos florentinos. A *virtù* é, de fato, a chave para entender o homicídio, entendido como ato político. Para apreender a verdadeira natureza desse dispositivo (fragmentos teóricos centrados na formação de um problema político) e seus efeitos, devemos ir além: abandonar uma concepção que considera apenas a teoria, por uma concepção que leva em consideração a prática.

Por relacionamento político, não se quer dizer um relatório de teoria política, mas um relatório de prática política. Mas é apenas o ponto de vista da prática política que determina a modalidade da relação com os elementos da teoria política e a modalidade e o mecanismo dos elementos da própria teoria em questão. A relação entre o plano teórico e o plano prático é fundamental. Uma das abordagens de Maquiavel, como emerge dos objetivos do Príncipe, é certamente uma abordagem da prática política. Maquiavel chama atenção para o Estado, reflete sobre o que é útil ou prejudicial à manutenção do sistema, e é somente nessa perspectiva que as ferramentas da teoria política são delineadas e inferidas. No entanto, essas ferramentas estão a serviço da prática política e da finalidade da ação política. A reflexão de Maquiavel é, então, uma reflexão que, como política, traz todos os conceitos de volta à sua modalidade. E é isso que destacaremos no caso específico da *virtù* e do homicídio. Dois conceitos pertencentes à prática política maquiaveliana.

Para entender o assassinato como um assassinato político, devemos primeiro questionar a *virtù* e entender o que se segue de uma análise geral do conceito. Uma vez que é dentro dessa noção, fonte de sentido da prática política, que o assassinato político pode ser compreendido. Na verdade, o valor da *virtù* determina diretamente o significado do assassinato político e o valor deste em si.

Como observado, a reflexão de Maquiavel remete os conceitos à sua modalidade política, ou seja, todos os conceitos são compreendidos em seu sentido e qualidade políticas, a própria *virtù* é virtude política. Tentar compreender o significado que a *virtù* assume nos textos de Maquiavel significa apreender o significado puramente político do termo. A *virtù*, que assim entra em cena, deve ser também uma arte, sempre capaz de se adaptar ao novo que nasce e salvá-lo da desordem. Se designarmos com o nome de fortuna o conjunto de forças externas para indicar a multiplicidade de fatores que interagem, mas de forma desordenada e com o nome de *virtù*, a capacidade de ordenar a matéria, então, podemos dizer que fortuna e *virtù*, juntas, determinam a esfera por excelência da ação política.

Do capítulo XV ao capítulo XXIV de *O Príncipe*, Maquiavel concentra seu argumento nas qualidades do príncipe, qualidades que poderíamos definir amplamente como próprias do político. Pelas qualidades definidas nesses capítulos, fica claro que a ação politicamente virtuosa é, em grande parte, separada do que são valores tradicionalmente entendidos. Por tradicionalmente entendido, certamente podemos significar todos os valores que remontam, por exemplo, à regra de ouro “não faça aos outros o que você não quer que seja feito a você”. Nestes capítulos, por outro lado, emergem alguns conselhos e preceitos totalmente diferentes dos valores tradicionais da moralidade e do sentido do “bem”. A autonomia da política é proclamada, total independência da moralidade. O que é politicamente certo, e por politicamente certo Maquiavel significa o que é útil para a preservação do Estado, nem sempre coincide com o que é moralmente certo.

Entre os vários exemplos presentes na obra de Maquiavel, há uma passagem em que ele afirma que as ações de Cesare Borgia, figura com quem teve contato direto, são as melhores que podem ser indicadas a um novo príncipe. Nas ações de Cesare Borgia, encontra-se o desenrolar da ação virtuosa. Maquiavel afirma:

Se, pois, se considerarem todos os progressos do duque, ver-se-á ter ele estabelecido grandes alicerces para o futuro poderio, os quais não julgo supérfluo descrever, pois não saberia que melhores preceitos do que o exemplo de suas ações poderia indicar a um príncipe novo; e se as suas disposições não lhe aproveitaram, não foi por culpa sua, mas sim em resultado de uma extraordinária e extrema má sorte. (MAQUIAVEL, 1513, p.25).

Sem nos deter na relação complexa que existe entre *virtù* e fortuna, podemos nos concentrar diretamente no que são as ações politicamente virtuosas de Cesare Borgia. Por meio das ações de Valentino, e de alguns outros exemplos, podemos entender que posição o assassinato político assume em relação à *virtù*, e como esse ato é julgado por Maquiavel. Antes de entrar neste mérito e abordar o que Valentino tem feito no campo do assassinato político, é preciso ter em mente como esse conceito está difundido e presente nos escritos de Maquiavel. No Capítulo III de *O Príncipe*, por exemplo, ao discutir os meios úteis para a manutenção de um principado recém-adquirido, Maquiavel afirma, sem muitos problemas, que:

E quem conquista, querendo conservá-los, deve adotar duas medidas: a primeira, fazer com que a linhagem do antigo príncipe seja extinta; a outra, aquela de não alterar nem as suas leis nem os impostos; por tal forma, dentro de mui curto lapso de tempo, o território conquistado passa a constituir um corpo todo com o principado antigo. (MAQUIAVEL, 1513, p.7).

É claro, então, que uma das ações politicamente úteis e, portanto, virtuosas, no momento da conquista de um novo principado, é a extinção da dinastia que antes reinava. O assassinato, neste caso mesmo de toda uma linha familiar, é necessário para que não surjam problemas no estado adquirido. Existe outra passagem presente no Capítulo IX do primeiro livro dos *Discursos*, na qual Maquiavel argumenta que é melhor estar sozinho na constituição das boas ordens de uma república ou na reforma das antigas. Aqui Maquiavel se detém na figura de Rômulo, o fundador de Roma:

Consideradas portanto todas essas coisas, concludo que, para ordenar uma república, é necessário estar só; e que Rômulo deve merecer escusas, e não censuras, pela morte de Remo e de Tito Tácio. (MAQUIAVEL, 1521, p.43).

Segundo Maquiavel, Rômulo não teve outra escolha, a não ser agir com violência. E, embora uma ação tão imoral como a supressão de uma vida humana seja certamente condenada e desprezada por todos, nas páginas de Maquiavel, ela é, em vez disso, desculpada, justificada; na verdade, torna-se uma manifestação de virtude política. Isso ocorre porque a violência é politicamente necessária e útil se usada para compensar, enquanto deve ser condenada se usada apenas para estragar. Portanto, é útil tomar como exemplo os casos em que o assassinato político é apresentado como um ato injustificado.

As ações perpetradas com violência por Agatocles, tirano de Siracusa, não são associadas por Maquiavel a qualquer *virtù*, pois não denotam nenhum objetivo político que as desculpe. O julgamento puramente político que Maquiavel dá sobre o assassinato é então determinado não com base no ato em si, mas nos efeitos decorrentes da ação. A diferença entre o que Rômulo fez e o que Agatocles fez não está na imoralidade do próprio assassinato, como ato deplorável, mas repousa e tem como fundamento a utilidade política e o efeito que ela determina. Se a ação for tomada para consertar isso, ela sempre será desculpada, até mesmo para a morte de um irmão, como no caso de Rômulo.

No entanto, é na figura de Cesare Borgia que a conspiração e o assassinato assumem a forma de virtude política por excelência. No capítulo VII de *O Príncipe*, Maquiavel narra brevemente os acontecimentos de Valentino e as ações mais notáveis, para traçar a melhor referência para o novo príncipe. A raposa de Valentino, em matéria de decepções, usada para colorir o incumprimento e para fins de crime, manifesta-se em toda a sua “grandeza” e virtude em dois casos especiais. O primeiro caso é o do assassinato de Ramiro de Lorqua, tenente da Romagna em 1501. Cesare Borgia entende que ele reduziu o povo ao controle, à paz e à união. Para fugir do ódio do povo, que o próprio Maquiavel afirma ser prejudicial ao príncipe, ele decide se livrar de seu ministro:

E, servindo-se da oportunidade, fez colocarem-no uma manhã, na praça pública de Casena, cortado em dois pedaços, com um pau e uma faca ensanguentada ao lado. A ferocidade desse espetáculo fez com que a população ficasse ao mesmo tempo satisfeita e pasmada. (MAQUIAVEL, 1513, p.42).

O caso do assassinato perpetrado por Cesare Borgia contra seu ministro é elogiado por Maquiavel como uma ação política muito virtuosa, apesar do fato de ter sido de ferocidade sem precedentes e moralmente duvidoso. Com um único ato violento, Cesare Borgia obtém o favor do povo, frustra qualquer perigo de ser odiado, usando seu ministro como bode expiatório e culpando-o pelo excessivo rigor com que o povo obedece a ele. Ao mesmo tempo, porém, o povo é atingido pela ferocidade de seu príncipe, que, certamente, será temido e respeitado. O contexto em que o assassinato ocorre e os benefícios que Borgia obtém do assassinato de seu homem, denotam como a imoralidade do assassinato, às vezes, é politicamente útil e um exemplo de grande *virtù*. A violência e a ferocidade do crime aqui parecem até ser diretamente proporcionais às vantagens que Valentino tira do ato e, portanto, diretamente proporcionais à *virtù* exercida.

O segundo caso, por outro lado, é o engano de Senigallia, acontecimento narrado tanto no *Príncipe* quanto no curto texto da Descrição dos modos do duque Valentino. Neste caso, o assassinato político é usado por Cesare Borgia para a supressão de seus oponentes e daqueles que impedem seus projetos ambiciosos. Os generais das tropas mercenárias dos Borgia, percebendo que a força política cada vez maior do príncipe seria sua ruína, decidem fazer uma conspiração. Ele então organizou tudo, simulando uma falsa reconciliação com os conspiradores. O local estabelecido para a conspiração é Senigallia. Maquiavel, narrando as façanhas de Borgia, menciona esse acontecimento no capítulo VII de *O Príncipe*, não poupando comentários positivos sobre o assunto.

O florentino descreve o contexto da conspiração tramada pelo príncipe contra seus generais. Nesse texto, Maquiavel não expressa julgamentos sobre o efeito político, positivo ou negativo, que o resultado da conspiração tem, nem expressa julgamentos sobre a *virtù* ou outro fator que move a ação do duque. No entanto, lendo este breve relato da conspiração à luz do que Maquiavel expõe no *Príncipe*, podemos tirar conclusões sobre a ação de Valentino. O texto abre com uma breve descrição do contexto político em que a conspiração é incubada, continua com uma descrição objetiva dos eventos e do lugar da conspiração (o próprio Maquiavel estava presente), até que o texto feche onde os fios dos eventos são desenhados:

Teria sido difícil a sua destruição, como difícil foi a de Agátocles, se não tivesse sido enganado por César Bórgia quando este, em Sinigalia, como já se disse, aprisionou os Orsini e os Vitelli. Ai, preso também ele, foi estrangulado juntamente com Vitellozzo, mestre de suas virtudes e suas

perfidias, um ano após haver cometido o parricídio. (MAQUIAVEL, 1513, p.36).

A linguagem descritiva de Maquiavel não deixa espaço para julgamentos de qualquer tipo sobre a ação do duque, seja ela virtuosa ou não. No entanto, ao ler o texto com os olhos do leitor do *Príncipe* e levar em conta o contexto de necessidade política que Maquiavel destaca no capítulo VII, é fácil entender como a ação do duque é politicamente útil e, portanto, virtuosa aos olhos do autor. Também aqui a *virtù* do príncipe não pode ser julgada com base em valores morais e apolíticos, com os quais o duque, certamente, teria ido à ruína, mas responde às coordenadas da esfera política, que, muitas vezes, conflitam com a tradição moral.

CONCLUSÃO

Esta pesquisa analisou a teoria política de Nicolau Maquiavel. O sábio Florentino foi o criador de uma teoria política própria e revolucionária para a época, expondo ensinamentos atemporais, uma teoria que seria válida em todos os tempos, desmistificando a ideia de que ele seria um mero agente revelador dos acontecimentos que estavam ocorrendo no seu tempo.

No transcorrer do artigo, foi feito um estudo sobre a *Virtù* e Fortuna, demonstrando o uso dos termos que estão sempre presentes nas obras de Maquiavel e foram utilizados por ele em seus escritos e constantemente abordados por filósofos e teóricos. Portanto, analisamos a especificidade da obra maquiaveliana quanto ao sentido e ao contexto em que foram empregados os termos *virtù* e fortuna, abordando seus diversos significados e variedades apresentadas, já que não apenas Maquiavel fazia uso dos termos, mas também seus contemporâneos faziam referência em mais de uma acepção.

Portanto, foi possível concluir que de acordo com Maquiavel, o princípio básico da ação política é a relação entre *Virtù* e Fortuna. A *Virtù*, permite ao príncipe medir suas próprias capacidades, sendo preciso refletir sobre como agir para obter bons resultados aplicando-os na política.

REFERÊNCIAS

DA FONSECA, J. J. S. **Apostila de metodologia da pesquisa científica**. [S. l.]: 2002.

DE LUNETTA E RODRIGUES GUERRA, A.; DE MARSILLAC FONTES, N. Itália, Maquiavel e a crise política: aspectos históricos e filosóficos. **Revista OWL (OWL**

Journal), [S. l.], v. 1, n. 1, p. 204-229, 2023. Disponível em: <https://www.revistaowl.com.br/index.php/owl/article/view/27>. Acesso em: 13 jun. 2023.

DE SOUZA, F. R. B. **Virtù e valores no pensamento de Maquiavel**. 2003. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, 2003.

GIL, A. C.; VERGARA, S. C. **Tipo de pesquisa**. Rio Grande do Sul: Universidade Federal de Pelotas, 2015.

GUERRA, A. de L. e R. **Aspectos filosóficos e atemporais da teoria política de Maquiavel**. 2021. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/21302>. Acesso em: 13 maio 2023.

GUERRA, A. de L. e R. Resenha de: “O príncipe” de Nicolau Maquiavel, príncipe e a análise do poder. **Revista Ibero-americana de Humanidades, Ciências e Educação**, [S. l.], v. 9, n. 4, p. 1515–1518, 2023. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/9223>. Acesso em: 13 jun. 2023.

GUERRA, A. de L. e R.; FONTES, N. de M. Ética, armas e religião: ambições e domínios do príncipe em Maquiavel. **Revista Ibero-americana de Humanidades, Ciências e Educação**, [S. l.], v. 9, n. 4, p. 503-526, 2023.

MACHIAVELLI, N. **Florentine histories**. [S. l.]: Princeton University Press, 1990.

MACHIAVELLI, N. **Il príncipe**. [S. l.]: **Il Príncipe**, p. 1-134, 2009.

MACHIAVELLI, N.; CINTI, F. **L'arte della guerra**. [S. l.]: Istituto Editoriale Italiano, 1928.

MAQUIAVEL, N. **Comentários sobre a primeira década de Tito Lívio**. 5. ed. Brasília, DF: Universidade de Brasília, 2008.

MAQUIAVEL, N. **O príncipe (1513)**. LCC Publicações Eletrônicas. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/exto/cv000052.pdf>. Acesso em: set. 2020.

MAQUIAVEL, N.; TZU, S.; HOLZSCHUH, P. **A arte da guerra**. [S. l.]: Évora, 2010.

PINZANI, A. **Maquiavel & o príncipe**. [S. l.]: Schwarcz-Companhia das Letras, 2004.

URMSON, J. O. **The Greek philosophical vocabulary**. London: Duckworth, 1990.

WOOD, N. Machiavelli's concept of *virtù* reconsidered. [S. l.]: **Political Studies**, v. 15, n. 2, 1967.